

# Qualidade na educação

27 SET 1994

CLÁUDIO MENDONÇA \*

É costume nas palestras, seminários e debates sobre qualidade na educação serem apresentadas duas notícias, uma boa e outra ruim.

A boa notícia é que o nosso país, segundo a última Pesquisa Nacional por Amostras Domiciliares, possui um índice de escolarização de 88%. Significa dizer que a maioria esmagadora da população de 7 a 14 anos tem acesso à escola. É um índice comparável aos dos países desenvolvidos do globo e resultado de grande evolução — em 1950 somente 36% desta faixa etária atingiam a escola.

Pais e alunos acreditam na escola como núcleo de formação do cidadão e a instituição resiste através dos séculos em credibilidade ascendente. A má notícia é que as crianças entram, mas não ficam na escola.

As razões principais da verdadeira expulsão da população infantil da escola pública são a repetência e a exploração da mão-de-obra infantil. Assim, o brasileiro leva em média 2,2 anos para concluir o primeiro ano e apenas 20% chegam à oitava série (no Japão, 100% das crianças atingem a escolarização obrigatória).

Este tem sido o desenho, em linhas gerais, do que podemos chamar de *o mal-estar da educação brasileira*.

No Estado do Rio, com a implantação do Plano Básico de Estudos, a repetência foi superada no que consideramos o mais concreto avanço no combate à evasão escolar de que se tem notícia. Por outro lado, difícil tem sido vencer a cultura da repetência que transformou uma anomalia em instrumento de poder e, por vezes, de orgulho (da própria incompetência).

Não é raro ouvirmos: “Quero que meu filho fique com o professor fulano porque ele é linha-dura, só poucos passam de ano, aí ele vai ver...” Ou então: “Comigo é assim, só passa metade. Quem não gosta muito de estudar pode ir se preparando para ser reprovado...”

A cultura da reprovação e da conseqüente expulsão vai dando lugar à filosofia da motivação do aluno e da construção do conhecimento a partir do universo de cada criança.

O acordo firmado a 2 de setembro pelo Ministério da Educação e do Desporto, pelo Conselho Nacional dos Secretários de Estado de Educação, pela União Nacional dos Dirigentes Municipais da Educação e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação estabeleceu a meta salarial total de início de carreira para os profissionais da educação em atividade efetivamente educacional, por período de trabalho não inferior a 40 horas semanais, a quantia de R\$ 300,00.

A proposta não é das mais ousadas, uma vez que vários estados, entre eles o Rio de Janeiro, pagam mais do que este valor. No entanto, o contraste nacional é gigantesco, existindo municípios na região Nordeste que pagam R\$ 10,00 por mês de “salário” ao professor.

Impossível, todavia, desatrelar remuneração de produtividade. A escola brasileira, se é ineficiente, é também bastante cara.

O estudante médio em nosso país, segundo dados do Banco Mundial, em vez de custar US\$ 2 mil para concluir os oito anos fundamentais, acaba onerando em US\$ 5,5 mil os cofres públicos. Isto corresponde aos 22 anos médios necessários à conclusão da 8ª série do primeiro grau.

À parte as questões relativas à qualificação, capacitação, atualização e remuneração do magistério, a questão da motivação dos dois protagonistas do processo de ensino-aprendizagem — professor e aluno — merece novo enfoque.

A rede pública estadual de ensino do Rio de Janeiro inicia a implementação das salas de aula de *multimídia*. Com computadores de última geração acoplados a projetores de imagens de 200 polegadas e sistema de som digitalizado, estamos capacitando professores a utilizarem os recursos mais avançados existentes no planeta para transmissão de informação.

O estudante do final do século 20 tem enorme dificuldade em suportar horas de monótono “cuspe e giz” sem qualquer recurso audiovisual, sem velocidade de informação, e muitas vezes em enorme distância com a sua realidade.

Os primeiros resultados têm sido bastante encorajadores. Mesmo vivendo a angústia de enfrentar o desafio da tecnologia, abandonando as metodologias antiquadas, a motivação de profissionais, pais e estudantes com o novo recurso é surpreendente.

Até o final do ano, se conseguirmos superar todos os obstáculos, teremos implantado 72 salas de aula em cursos de formação de professores e 18 salas de leitura em diversas localidades do estado.

A evolução tecnológica da escola é imprescindível à sua sobrevivência e esta experiência talvez seja uma das iniciativas mais avançadas em direção à educação de qualidade que hoje ocorre em nosso país.

JORNAL DO BRASIL